



O Candeeiro

A experiência de famílias agricultoras com Terreiro de Raspa em Desterro

A comunidade Desterro fica no município de Remanso, no estado da Bahia, a 60 quilômetros da cidade. É formada por 53 famílias e a maioria é sócia da Associação dos Pequenos Produtores Agropastoril de Desterro e Arredores. José Roque Souza é o presidente da Associação e conta que uma boa parte dos sócios participa do Terreiro Comunitário de Raspa. Ele lembra que tudo começou quando um grupo da comunidade ia para a desmancha na *beira do rio*, região da Melancia conhecida por Malvina e que aprenderam a fazer a farinha quebradinha e também a produzir a raspa da mandioca para os animais de forma manual, mas a ração não tinha qualidade.

José Roque reconhece, junto a comunidade, que ter hoje o terreiro não é somente pela qualidade da raspa que proporciona, mas também pela máquina forrageira que serve para fazer outros tipos de forragens. As famílias moem a espiga do milho, a maniva, o sorgo e a palma. Faz ração para 15 dias. Ressalta que o terreiro é um serviço mais para os homens e que as mulheres participam é das Casas de Farinha na época da desmancha, rapando a mandioca, espremendo a massa, na produção da tapioca e puba. Algumas mulheres também ajudam a arrancar a mandioca da roça. O período da desmancha faz parte da cultura das comunidades, por isso envolve mulheres, homens, jovens e crianças.

José Roque comenta que as pessoas que cuidam da manutenção do motor e arrecadam o dinheiro são Clementino, José Dias e Manoel. O milho é a própria pessoa que mói e paga por saca 2 reais, já a maniva, o capim e a palma é por hora, o valor é 7 reais. A raspa da mandioca custa 50 centavos por saca. Ele recorda que para fazer uso do terreiro tem que agendar, principalmente no período da seca que aumenta a procura. Este ano está mais tranquilo porque as famílias priorizaram a produção da farinha. A saca variou de 40 a 60 reais e a tapioca chegou a 150 reais. A raspa está sendo produzida mais para o consumo dos animais, algumas pessoas também têm vendido.



Grupo na produção de raspa



Seu Elísio e José Roque organizam as sacas de raspa

Ele conta que o terreiro é uma aquisição de alguns sócios que se organizaram, a partir de reuniões que o SASOP e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais fizeram na comunidade. Seu Otacílio faz parte desse grupo e complementa dizendo que a construção do Terreiro de Raspa foi feita em mutirão para não perder tempo em serviço e que muita gente ajudou na escavação da cisterna,

embora não cultiva canteiros.

O Terreiro de Raspa é composto por um depósito onde se guarda o motor que faz a raspa e mói as plantas forrageiras, tem também as ferramentas. Tem 1 terreiro, 1 cisterna subterrânea de 50 mil litros e 11 canteiros para horta comunitária. José Roque afirma que ter um Terreiro de Raspa é muito importante. Hoje conseguem fazer uma ração limpa toda por igual, de qualidade e em bem menos tempo. Antes secavam a ração no chão duro ou sobre uma lona e só aproveitavam 70 por cento porque vinha misturada com terra. A maniva não se aproveitava direito porque não tinha motor. O que se estocava era bem menos em relação agora. Antes quando se precisava usar uma forrageira tinha que ir longe e se gastava bem mais. Depois do Terreiro na comunidade tudo se tornou mais fácil.

Seu Elice acrescenta dizendo que o terreiro de raspa melhorou a renda familiar, porque já não se leva mais a criação magra e sim gorda para vender. Diz que hoje em dia tem o período certo que se vende a criação. O melhor preço é na seca porque é mais fácil de engordar. No inverno a criação fica solta para pastar na caatinga.

A horta comunitária complementa o Terreiro

Dona Davina Dias de Souza foi uma das mulheres que cultivou canteiro. Diz que cada família cuidava de um. Ela só ficou cuidando por 2 anos e sente muita falta porque dali tirava a sua verdura necessária apenas para consumo, pois tem diabetes e foi o tempo que se sentiu melhor. Se o grupo voltar, será a primeira a estar lá. A cisterna ainda tem água, mas está rachada na parte de cima e precisa de consertos para segurar a água e não deixar vazar. Já seu Elice diz que para ele o ideal está sendo plantar perto dos caxios, na lagoa. Tem mais de um ano que só cultiva seus canteiros por lá. Ele diz que fica mais fácil para cuidar, pois percebe a importância de manter hortaliças na alimentação de sua família.



A forrageira e a picotadeira da mandioca



D. Davina mostra local onde se faz a tapioca e deseja reativar a horta

Mesmo com todas as dificuldades, Dona Davina ainda vê o espaço da horta comunitária como um lugar bom para plantar. O que precisa é cuidar direito, pois a água é pouca e não dá pra segurar todos os canteiros. Acredita que se plantar em apenas 4 canteiros a água da cisterna dá pra levar. O canteiro é sistema econômico. Ela diz que na época da seca não aguentou buscar água de fora, do barreiro ou da lagoa, ficam longe e ela tem medo de machucar a coluna. O que desanimou também foi a cerca que caiu, as criações entraram e estragaram os canteiros. Lamenta por a horta estar a mais de um ano sem funcionar. Ali plantou coentro, cebola, couve, cenoura, beterraba, alface, tomate e pimentão. Deseja que o grupo se reanime e reative a horta com os cuidados a partir da lição que já experimentaram.

Realização:

Apoio: